

HEMETERIO J. DOS SANTOS

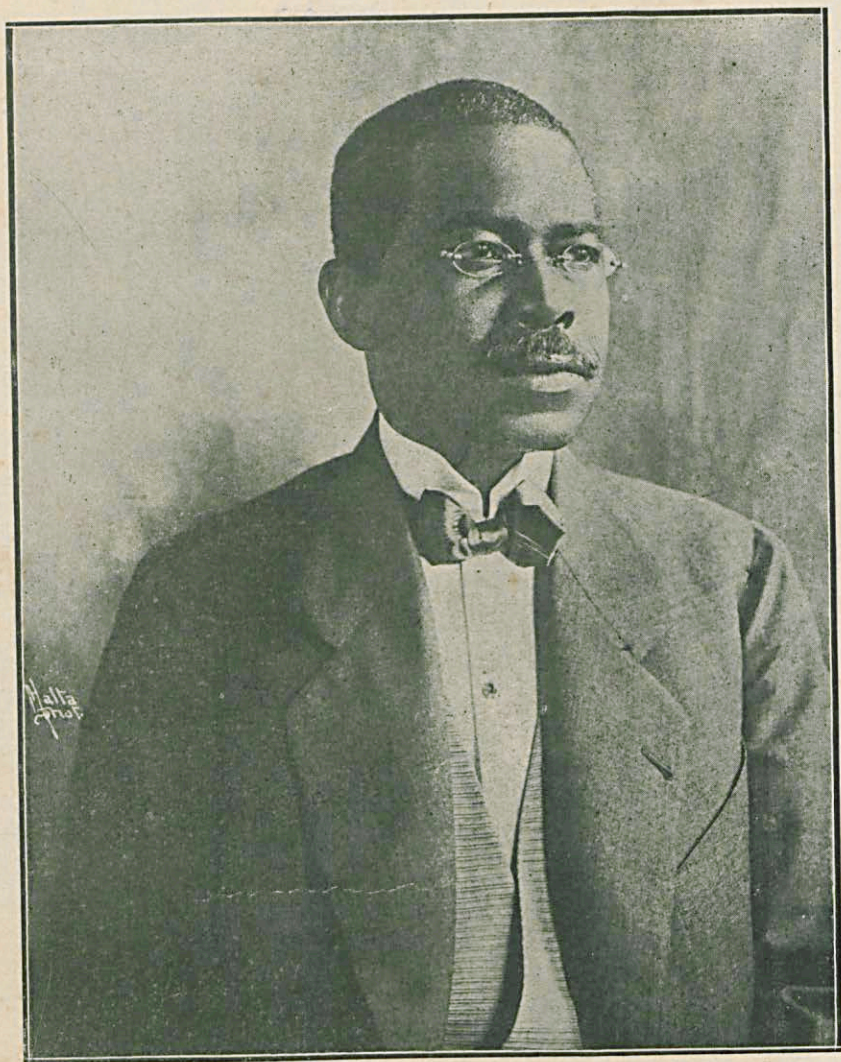
~~869.1B~~  
~~S.237~~

DRMA  
869.91  
5237f

# FRUCTOS CADIVOS

---

LIVRARIA FRANCISCO ALVES  
RIO DE JANEIRO — S. PAULO — BELLO HORIZONTE  
1919







# *A Memória*

*de*

*Aristides Hemeterio dos Santos,  
o meu filho amigo,  
por cuja solicitação este livro estava  
sendo publicado, quando se deu o seu  
triste passamento.*

*10 de Dezembro 1919*

*Hemeterio.*

ARISTIDES

aqui tens os antigos

• E os modernos sonetos que pediste...

O duro fado iniquo, em golpe triste,

Não quiz que os visses... Seja! que os perigos

São, por vezes, auroras (não castigos)

De uma vida melhor que além assiste...

E quem impede a sorte? e quem resiste

A' lei fatal dos termos e jazigos?



O oceano te quiz guardar... Cadêa  
Apenas foi de um drama millenario  
Que prende a terra ao côro universal.

És hoje membro desse corpo! Enleia  
Tua voz no divino e grande hymnario:  
Que haja entre nós a vida fraternal!

Em 10 de Dezembro de 1919.

*Hemeterio.*

O tempo o mau descobre, o bom apura,  
Umás cousas reprova, outras inventa ;  
O que váe de vagar mais se segura.

Quem tanto de seus versos se contenta,  
Quem cuida que não ha que emendar nelles,  
Affronta ás suas faltas accrescenta.

.....

Eu, senhor, já podéra ter bisnetos  
Depois que comecei a fazer trovas.

*Diogo Bernardes*



Na primavera o canto é ledó e forte,  
E tem scintillações;—mas... são vapores  
A que o sol no alto dá seguro a morte...  
Mancebos, somos fracos caçadores.

Até o quarto ou quinto lustro, a cohorte  
Dos Paulos e Virginias só dá flores,  
Que da imaginação seguem o norte,  
De cujo fundamento nascem dôres.

É não assim no estio: a experiencia  
Doura-lhê o rythmo alegre, e a suavidade  
Fructo produz opímo e sazonado.

Modulações sonoras na sequencia,  
Têm o perfume doce da saudade,  
Flôr perenne de um gôzo abençoado.



## NA CLASSE

(A Felix Pacheco)

Neste trabalho meu de eterna juventude,  
Por moço mais me sinto e quanto vivo mais...  
E a idéa que lançando eu vou, por que se mude  
O campo inculto e bom em messes e rosaes

Germina e cresce: e cobre a flôr os idéaes  
De amor fraterno, e graça e mimo, e de virtude  
Beijos de toda a raça, e os cantos immortaes  
Em que o caro Brasil—sempre inteiro se escude

Vou dizendo de amor nesta lingua excellente,  
Que primêiro levou, ás portas do oriente,  
O beijo fraternal, — e não de odio importuno.

E morrerei, porém; mas minh'alma, ao partir  
Ha de placidamente, e nesse dia, ouvir  
O verbo meu cantando accorde em cada alumno.



## SAN'BERNARDO

Constellação de força e muito amor,  
Derrama a luz na Igreja o grande bardo,  
Baluarte do dogma, San'Bernardo,  
Flagello dos incréos e seu terror.

Por espalhar o verbo do Senhor,  
Homens congrega que não temem cardo;  
Dá combate ás doutrinas de Abeilardo,  
Por toda a parte, excelso vencedor.

E no zelo do seu devotamento,  
Cantando brandamente em harmonias,  
Enaltece a Mulher nos hymnos seus.

E na astral tyrannia do talento,  
Do vicio jugulando as tyrannias,  
Solemne divinisa a Mãe de Deus.

## A MULHER

E Deus achou que tudo estava bom;  
Mas quiz ao seu trabalho dar remate,  
Pois lhe faltava a força, a graça, e o tom,  
E o cunho de obra prima, e seu quilate.

»—Façamos a Mulher; terá o dom  
De abrandar, pelo tempo, no combate,  
Das vis paixões desagradavel som,  
Polindo o homem, da vida em duro embate»



E foi: o céu se fez em risos de ouro,  
E até a vil serpente o gran segrêdo  
Do gozo lhe vasou no coração...

E guarda assim da terra o bom thesouro,  
E o amôr ensina, meiga, em doce enrêdo,  
Ao bruto mais feroz da criação.

OSWALDO CRUZ

Divino Oswaldo Cruz! na guerra bruta  
Que os pequeninos seres deram forte  
Ao grande ser, tu foste, nessa lucta,  
Grande e mais firme que a serena morte.

Combate desigual! golpes de enxuta  
Placidez varonil, de excelso porte,  
Déste, certo, na escondida gruta  
Do féro imigo de perverso norte.

Venceste! e ao teu saber a natureza  
Se rende humilde, escravizada, inerte,  
Tão soberano foste na defesa.

É agora, que não ha quem desacerte,  
Partes, subindo tanto, na grandeza,  
Que o teu saber em luz se mais converte.



## AFRICA PORTENTOSA

É para o Portugal audaz e bellicoso,  
Portugal, creador de genios e nações,  
Teve o sol africano, ardente e luminoso,  
O mais soberbo dom de gloria, amor e acções.

Que da Barbara o seio amante e carinhoso,  
Fonte de bôa graça e mil consolações,  
Poliu, por Moçambique adusta, o fragoroso  
Canto de amor da Patria e o que sagrou Camões.

O remoto e amoroso abraço maternal  
Deu de Angola, Mombaça ou da Guiné gentil,  
O eloquente Vieira, e o constructor Pombal.

Superior, porém, ás artes de Amenophe,  
Excelle a formação do amado meu Brasil,  
Dos cantos immortaes a fulgurante estrophe.

## A ESCRAVA BARBARA

(A Lindolpho Nigro)

Tinha as carnes em curvas fugidias  
Aquelle corpo de ébano lustroso ;  
E, pelo tacto, as linhas corredias,  
Soluços doces de felino gozo ;

Os olhos em occultas ardentias,  
Liso volver caprino e doloroso ;  
Os gestos, velludadas melodias,  
Prendendo certo em movimento undoso.



Os seus cabelos, em perfume raro,  
Que ameigava a bruteza do europeu,  
Teciam laços de um poder aváro.

È esta a captiva foi, formosa e triste,  
Em quem de grande amor Camões viveu,  
E em cujo beijo o portuguez existe.

## ANCHIETA

Vem de Africa o Anchieta, que, primeiro,  
O alpha ensinou, contente, e o cathecismo  
Á taba rude e tosca, e ao companheiro  
Que trouxe por curar da terra o abysmo.

Modelo foi do sangue brasileiro,  
Porque do amor no immenso cataclysmo,  
Foi seu pae—um fidalgo interesseiro,  
E sua mãe—mestiça de heroismo.

Santa mulher ! Na dôr que a grey condemna

O filho casto educa para o mundo!

Força do amor de nobre Magdalena!

E assim, escola foi então e templo

Do africano trabalho tão fecundo!

Estrella do Brasil! divino exemplo!



## JOSÉ DO PATROCINIO

De um effluvio de amor, fusão de noite  
Calmosa e negra com ardoroso dia,  
Nasceu da escravidão o juste açoite,  
O verbo lapidar de symphonia,

O grande Patrocinio que bramia  
Tão alto como quem se mais afoite:  
No peito a dôr da raça lhe gemia,  
Asylo de quem quer—que alli se acoite.

Da furia nasce a luz: e o rosiclér  
Põe-lhe doçura na palavra; e a aurora  
Tinge a victoria no sabôr do mel...

È aos pés divinos da Gentil Mulhér,  
O mestre, de joelhos, canta e chóra,  
Beijando o gesto augusto de Isabel...

## ANTAR

O batido galope do corcel  
Um mixto de paixões soltava ao vento;  
Do musical compasso no andamento,  
Duro alfange se ouvia no tropel.

Bellicosas canções, no acampamento  
—O odio mortal e o amor—; duplo painel  
Geme doce, nas cordas do rabel,  
O epinicio de guerra e de tormento.



E' Antar, negro bardo valoroso,  
Que pelos arêaes da Arabia nobre,  
A lyra prende ao dardo vigoroso.

Do Beduino o sangue astuto cobre  
Com a doçura do lybio sangue airoso,  
Da epopéa da vida o grande alfobre.

## O NEGRO

### I

Bem longo o teu soffrer... De longa data,  
O Egypto, a Nubia, a Lybia antiga, e a Espanha,  
A Arabia, e montes, valles que o rio banha  
Do Paraizo, e toda a terra ingrata

Da America formosa, que se engata  
De um pólo a outro alto pólo, gente estranha  
Contra ti, contra os teus, atroz campanha  
Move sem piedade! e a vil chibata

Retribue com bruteza o teu serviço  
De com sangue regar a terra dura,  
De com o leite nutrir o filho alheio.

Nesse soffrer cruel e abafadiço,  
Trazes o sol na tua pelle escura,  
E o perdão se irradia do teu seio.



## II

E no tempo de El-Rei, o Afortunado,  
Quando o teu sangue converteste em ouro,  
Do mundo inteiro enchendo o vil thesouro  
Que contra ti se armava logo irado,

Tu inda foste o nune abençoado,  
Cuidadoso, do immenso sorvedouro  
Matando a peste, a fome, o mau agouro,  
Com o pão no teu suôr argamassado.

Escravos de Guiné, fostes o abrigo  
Do povo então senhor de todo o mundo:  
Ouro em pó para o luxo, e pão — o trigo

Que foi vida, e de amôr lhe foi profundo!  
Tiveste o galardão — o mór castigo —  
De espalhar pelo reino o bem fecundo.

## O CREDO NOVO E O CREDO VELHO

(A Paulo Barreto)

Muitas cousas, então, não eram crime...  
Mas a alma portugueza sonhadôra  
Não se detém: e véla ao lenho imprime,  
Em divina missão conquistadôra.

Rumo do sol nascente! que se intime  
Francisco Xavier, de constructora  
Vontade, e paz, e graça que redime,  
A saber do Japão a alma offensora.

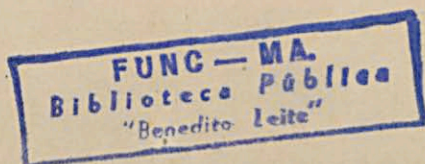


Do Deus—Homem, o Santo disse a Historia,  
O Martyrio, a dôr, morte e sã victoria  
Por um só credo unir os corações.

Seculo sobre seculos recáe:

Para o Japão agora sobresáe—

—Novo credo da Liga das Nações.—



## RETRATOS

### I

O louro alegre e bom da sua tez  
Lembra o typo idéal da velha Grecia,  
Que tem a doce calma de Lucrecia,  
De coração tranqullo de altivez.

E sem falar, domina na mudez  
Eloquente dos modos, e a facecia  
Não cultiva das filhas de Lutecia,  
Tal lhe avulta do porte a sisudez.

E adoro muito esse anjo tutelar,  
Mimo e ternura meiga do seu lar  
Que tanta graça e tanto enlevo cobre,

Pondo, por toda a parte, a ordem, a flôr,  
No cuidado, no zelo e puro amôr,  
No seu airoso andar fidalgo e nobre.



## II

E' um cofre de graça, esta menina,  
De manso olhar e angelical pureza :  
Desprende de sua alma essa belleza  
Que aos puros corações seduz, fascina...

Numa suave esphera de neblina,  
Toda a graça lhe está em singeleza;  
A modestia lhe veste a natureza  
De uma sã castidade purpurina.

Quando passa, se enfeita toda a casa  
De uma alegria doce que transvasa  
Seu coração, dourado relicario...

A virtude do rosto se lhe reve...

Que tudo nesta phrase se descreve:

Do amor de sua mãe fez um rosario.

### III

Entra nesse momento por que a aurora  
Se váe fazendo um claro e bello dia,  
E traz no rosto um ramo de alegria  
Que um medo sem razão fere e minora.

A face lhe enrubece, e lhe apavora  
O delicado ser; melancolia  
Sem causa o peito brando lhe atrophia  
Num doce esquecimento de senhora.



E' que o amor, o severo e puro amor,  
Já lhe mostra da vida o fêl, a dôr  
De uma paixão nascente e carinhosa.

E a sonhadôra Graça, côr de neve,  
Verá que o Deus ingrato a sós descreve  
O mar immenso num botão de rosa.

## ADMINISTRADOR...

Por toda a parte vê ladrões, gazúa  
Subtil, roubando á vista e cégamente!...  
Mãe, que, chorando e triste, se insinúa,  
Pelo filho pedindo piamente,

Elle a vê, criminosa e quasi núa,  
Seduzindo-o a fraudar; e toda a gente  
Esta idéa tenaz só lhe accentúa  
Nos tenesmos sangrados duramente.

Passa pelo ouro exposto ao claro sól,  
Não o vê, mas vae logo no pharól  
Esbarrar da eésterqueira e da sentina.

E do erro na dorida persistencia  
Jamais poude sentir a incompetencia,  
Que o prende fatalmente á vil rotina.



## LINGUA MALDIZENTE...

### I

Os que nada produzem, ociosos  
Que apedrejam os sóes de illustre vida,  
Molham a penna em travos aleivosos,  
E nódoa põem em tudo fementida.

Impotentes, innocuos e raivosos,  
Escaravelhos são de ingrata lida:  
—Não se encobrem os raios luminosos,  
E o odio ao real valor—não intimida...

Máus filhos: tudo quanto é nosso sofre  
Da sanie pestilenta o bote incerto,  
Que se invalída logo, e logo cáe.

O nojento rancor, da inveja cofre,  
Revela nesses monstros, bem de perto,  
Chanaan descobrindo o proprio páe.

## II

Esse rapaz nasceu envilecido :  
Quando pela manhã é tudo amôr,  
A lingua se lhe move em vil rancôr,  
Manchando tudo, atroz e aborrecido.

Não estuda; porém, ennegrecido  
Tudo vê—A donzella, o lavrador,  
A mãe que o filho cria, do esplendôr  
Bruto cuspilha, irado, a nú, despido.



Do lírio empana a candida brancura,  
E no estúar do peito a vil negrura,  
Tudo se váe culpado e sem moral.

Não é no emtanto assim por toda a alfombra:  
O que o abutre nota é a propria sombra,  
Que à virtude não muda em tremendal.

### III

Esse velho que outr'ora andou commigo,  
Cêdo perdeu a força de viver,  
E, praticando só, por mór castigo,  
Roendo váe a vida em mau lazer.

Daquelle que na vida achou abrigo,  
Pondo em facto a vontade e o seu querer,  
Morde raivoso a fama, a sós comsigo,  
E vae no odio impotente a fenecer.

A troca de carinhos que da vida  
É a unica razão de ser, sincera,  
Logo põe em calumnia peçonhenta;

É morre por mais ver ennobrecida  
A victima que o visgo não lacera,  
Antes o seu vigor protege e augmenta.



## CONSELHOS

Levanta-te com o sol; frúe do trabalho  
A grande recompensa que conforta;  
Para a luz receber, escala a porta  
Do teu corpo de ferro ao doce orvalho.

Nem mesmo o gesto tenhas do carvalho  
Quando o sopro do vento não supporta:  
Sê duro e forte; e muito estuda, exorta,  
Por que da gloria logres o agasalho.

Ergue alto o teu amor; enche-o de luz,  
E põe, em letras d'ouro, na memoria,  
Que da mulher amada o vulto nobre

E' de mãe — santa imagem que conduz  
Maravilhosamente á grande gloria  
Que pelo tempo avante o nome cobre.

## MÃE ? !

E negas ao teu filho o proprio leite,  
Alma de rudo e bronzeo coração . . .  
Brutal assim, não ha quem desrespeite  
Tão pura e tão singela condição.

A pedra o musgo cria, sem que engeite  
O pesado labor da criação;  
Do ser pequeno ao grande, o só deleite,  
Mas no producto está que na paixão . . .



Só tu te abrasas, firme no furôr  
De eternamente amar, deixando em flôr  
O sentido carnal apercebido.

Olha, toma o teu filho; e os teus desejos  
Se resumam em pôl-o envolto em beijos,  
No teu carinho quente adormecido.

## O BEBEDO

Antes do amor bebeste, e, por latente,  
No organismo do filho inoculaste  
O veneno traiçoeiro que, no engaste,  
Trazias, mau, do beijo delinquente.

Não foste generoso, pois mataste  
O futuro que, alegre e docemente,  
A vida te augmentava, brandamente,  
Na vida que no germen suffocaste.

De carne posta vil! da natureza  
E's o producto miserando e triste,  
Do teu gozo no vinho pondo a prêsa.

Dos animaes, nem um sequer existe  
Que do vicio te roube a fortalezã,  
A ti que a humana essencia destruiu.



## PREGUIÇOSO

Não és homem; pior do que o selvagem,  
Tu vives anormal, e na luxúria:  
Da summa Perfeição não tens a imagem,  
Que fazes á mulher a summa injúria:

«Não tem lazer; dos annos na voragem,  
Marca os cyclos com filhos, na penúria  
De bem-estar, de calma, e sem coragem,  
De contra ti lutar na vil incuria.

Dormes, bebes, passeias, descuidado,  
E ella enche, com trabalho, o teu celeiro,  
Com lagrimas regando a terra bruta.

Crescem os filhos: vives anafado,  
Do suôr da criança o dia inteiro:  
Matas assim a flôr, e morre a fructa».

FEIA!...

Matou-se. O gesto nobre a luz perdeu,  
Horrenda catadura emmoldurando!  
A setinosa pelle ennegreceu,  
Um pavor pela casa derramando!

Pobre moça! de certo enlouqueceu,  
De fera brava o peito revelando!  
Mostras de coração tigrino deu,  
Tão estreito egoismo praticando!



Não amava devéras,—pois quem ama  
Não foge assim da vida brutalmente,  
Em plena floração de mimo cheia.

Como ficou! não mais a bella chamma  
Do brando e doce olhar intelligente!  
—Tão mudada ficou! e muito feia!

## TRISTE ..

E tres annos passára o seu enlace,  
E fructo havia já, pequeno e forte;  
Mas o gozo da vida e doce morte  
Para si não sentiu que se passasse.

O termo seu de amor era fugace;  
Corria sem diluculo, de sorte  
Que o seu prazer em vão não tinha norte  
Que o seu desejo um pouco mitigasse.

Roida de appetito que lhe mora  
Em sitio onde o prazer sensibilisa,  
Tal a planta que a luz vital procura,

Váe, e váe procurando a meiga aurora  
Do preludio de amor, que immobilisa  
Dos nervos doida orchestra que murmura...



## SEMPRE...

È eu não me faço velho: em quanto fôres  
Assim na escala minima dos annos,  
Hei de creança viver nos teus amores,  
Tranquillo e firme contra os desenganos.

Não vejo da borrasca os mil rigôres,  
Do tempo desconheço os crueis damnos;  
Apenas do prazer eu sinto as dôres,  
Enlevos meigos d'alma, e meus tyrannos.

Da tua voz de timbre peregrino,  
Irei um elixir compondo doce,  
Como ainda não pensou humano engenho.

Parece-me que o sol não desce, e a pino,  
Com a luz me prende a ti, como se fosse,  
Cadêa d'este amôr que nutro e tenho.

NÃO !

Oh! não; não me tortures desta sorte;  
Vê que, por te servir, eu inda vivo,  
Trabalho, e nada temo, e busco a morte  
Nesse teu ar sombrio e fugitivo...

Tens, se te fallo, o aspero e duro córte  
A tudo quanto digo, sempre esquivo...  
Sê compassiva e boa... e nesse póрте,  
Irei cumprindo o teu querer altivo...



E, quando fôres, sem razão, zangada,  
Por tão alto por ti o meu enlevo  
Nas ondas se mover de amôr e luz,

Faze doce minh'alma amargurada,  
E então, cantar eternamente eu devo  
Graça tanta que tens e que seduz.

NUM CARTÃO POSTAL

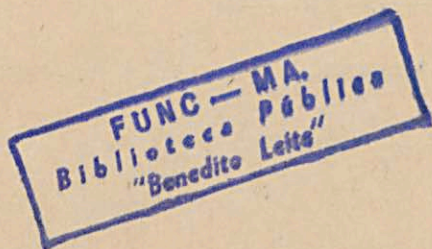
Assim a minha casa quando, outr'ora,  
Pequeno, no paterno lar, brincava...  
Vergeis, pomares, pelo campo afóra...  
Vida tranquilla e bôa desfructava.

Tudo, porém, se foi, mudou, e agora  
A vida em dôr se me converte e aggrava...  
E o bem nesta viagem se minora,  
Que a dôr no coração os ferros crava.

Mas, por não succumbir ao grande pêso  
Das duras afflições, e do despreso  
De quem prazer encontra por ferir-me,

Tenho, no coração da mocidade,  
O meu nome cercado de amizade,  
No vosso peito para sempre firme.





CONSTANTE...

Que não tenha o veloz ardor de um dia  
O teu querer tenaz, que bem me basta...  
É bom; tem do velludo, por macia,  
A doce sensação que prende e arrasta.

O perfume que tens em ardentia,  
Desde a manhã—até que a luz se afasta,  
Seja a prisão subtil de noite fria,  
Cobrindo a vida, em curvatura casta;

E mais me prenda sempre, mais e mais,  
Numa suavidade de açucena,  
Subindo para o céu em espiraes.

E que eu, nessa constancia tão serena,  
Tenha os meus curtos dias muito eguaes,  
Sem um signal sequer de dôr e pena.

## DESEJOS...

Entre esta trabalhosa e dura vida,  
Bravios desbravando mansamente,  
E a minha certa e natural partida,  
Socego eu quero ter de toda a gente.

Quero contigo a sós, em doce lida,  
Do rumor da cidade bem ausente,  
Viver tranquillo em alta e branda ermida,  
Ouvindo de um regato a voz dolente ;



E varias rosas, cravos ameigando,  
Em terras de cultura bons modelos,  
Um singular e novo paraíso.

E alli alegre, tudo descansando,  
Duas tranças fazer dos teus cabellos,  
E um poema compôr do teu sorriso.

## SONETO COM ESTRAMBOTE

Não sabia eu dizer o que era aquillo . . .  
E, tanto que lhe ouvia, embevecido,  
O mel de sua voz, calmo e tranquillo,  
Medroso me sentia, e recolhido . . .

Seu gesto donairoso era sigillo . . .  
Seu olhar me prendia num brasido,  
Que eu não podia, — em phrases, traduzil-o . . .  
Era um espreguiçar. . era um gemido . . .

Tomei de sua mão delgada e fina,  
E fiz-lhe mimos pelo braço inteiro,  
Tudo em brando langôr de serenata...

Num leve adormecer, e de morphina  
Num torpôr serpentino alviçareiro,  
As boccas... modulando uma sonata...

O resto a lingua não desata...

E eu mais não sei que foi aquillo...

Guardo sigillo...



CANCIONEIRO  
DE  
INAH

# SONETOS

I

Para galgar a estrada tortuosa  
Que vem do berço ao fim da vida breve,  
Eu sinto que me falta a côr de neve  
Da rosea tua face setinosa.

O destino inclemente, por nodosa  
Aspera linha, a vida me descreve;  
Mas tú só, branco amor, tú podes leve  
Tornar-me a falsa culpa deleitosa.



Depois de tanto soffrimento duro,  
E dos vae-vens de um pelago de abrolhos,  
Pela falhada luz do rosto escuro,

Dos bons e maus eu lastimado ser,  
Volve-me tú, divina, os pios olhos,  
E me acompanha neste atroz viver.

## II

O nosso amor immaculado e forte  
Do preconceito ás malhas não se prende;  
Casto e justo, por todo o peito estende  
O seu dominio que não teme a morte.

E tem no seu querer o proprio norte,  
Pois na constancia e no vigor explende;  
Exora, canta, e na mudez se estende,  
Que dôr não ha sequer que não suporte.

Que poder ha ahi, cruel e duro,  
Que no presente queira, e no futuro  
Deter-lhe, por acaso, a trajetoria?

Nenhum; que o céo não quer, e não consente  
Que assim a luz se apague, irreverente,  
A luz de Deus, a nossa luz e gloria.



III

Pela Estrada da vida, um lustro breve  
Já passámos, querida, neste amor...  
E tú, nem uma vez, do beijo a flor  
Sequer me déste brandamente leve.

Nem palavra me dizes tu... Escreve  
Ao menos; dize que me tens rancôr;  
E eu o prazer prelibarei da dôr,  
Que do teu peito tão cruel se reve.

Foge, e eu te seguirei por toda a parte,  
Juncando de bondade o teu caminho,  
Noite e dia, tranquillo por amar-te.

E diante do teu sagrado ninho,  
Dia e noite estarei por adorar-te,  
Sem mesmo teu amor e teu carinho.

IV

Eu não sei como vou por esta serra  
Tão sósinho, e da luz do teu semblante  
Privado o peito meu, que mal encerra  
A dôr sem nome de te ver distante.

È no ar, por toda a parte, eu sinto a guerra  
Dos que me não querem a ti constante;  
È o duro afastamento o ser me aterra:  
Tão grande é esta dôr febricitante.



E, se me resta alento de soffrer  
Do teu carinho a falta, e o bem querer,  
Que á doce escravidão só me convida,

E' que me anima a fé e a segurança  
De breve ver-te minha, e sem tardança,  
Meu derradeiro amor e minha vida.

V

Sou teu, e tú és minha; nem momento  
Vivo que não me estejas na lembrança,  
Em toda parte, em paz ou em tormento,  
Tú do volver da vida a só bonança.

Sobre do bem ou do revez o vento,  
Em tudo pondo a rapida mudança,  
Eu sou teu, e teu só, e o esquecimento  
O nosso amor eterno não alcança.

Pódes lançar-me tú no teu desprêso,  
E atróz, e com desdem despercebida,  
Outro eleger que mal teu peito agrade;

Hei de querer-te sempre, e sempre acceso  
Nesta paixão voraz, cruel, sentida,  
Por ti morrer de amôr e de saudade.



VI

A dôr de viver só, sem teu carinho,  
Não acha em cousa alguma refrigerio,  
Sem do teu beijo o capitoso vinho,  
E sem de tua graça o doce imperio.

• E ando fóra de mim, pelo caminho  
Do incerto, do temor, e do mysterio,  
Porque assim folgas de me ver sósinho,  
Das almas duras — duro vituperio.

E na carícia desta dôr immensa,  
Da tua luz privado, e da presença  
Do teu olhar consolador e forte,

Eu padeço, e eu vivo, e viver eu quero,  
Mesmo nesse desprêso ingrato e austero,  
Por teu respeito prelibando a morte.

## VII

O tempo rói tenaz a pedra dura,  
E, pelo tempo, o beijo o marmor rói;  
O tempo extingue a dôr da sepultura,  
E só elle o maior prazer destrói.

Anniquilla do mau a catadura,  
E do soffrer do bom não se condói;  
A divina belleza desfigura,  
E tudo altera, e muda, e tudo mói.



Nesse volver veloz estragador,  
Só não altera o tempo o teu destino,  
Só não corrompe o tempo o teu amor.

E pelo céu azul e crystalino,  
Constante váe cantando o teu louvor,  
Teu gesto senhoril e peregrino.

## VIII

Nesta casa nasceu o nosso amor,  
Quando maguado o coração trazias;  
E dessa que se foi intensa dor  
O céu nos concedeu dourados dias.

E vivo, porque o tempo em teu louvor  
Vou consumindo em grandes alegrias:  
No prado, e no vergel não vejo flor  
Que do teu ser não diga as harmonias.

Esta vivenda o nosso paraíso  
Foi, e o sagrado ninho bom de riso  
Que tua alma teceu maravilhoso.

Inda hoje, quando aqui defronte passo  
Sinto que me aperta o forte laço  
Do teu amor divino e carinhoso.



IX

Só sem um gesto lindo, e sem fortuna,  
Que o viver torna facil e sereno,  
Sahi de minha terra inda pequeno,  
Por buscar para a vida uma columna.

Mas sorte ingrata sempre, sorte importuna  
Não consentiu me fosse o tempo ameno,  
E, entregando-me a taça do veneno,  
Nunca a dita me deu por oportuna.

Corri do mundo assim roaz caminho  
Sem um suave abrigo e sem carinho,  
Mais da metade da estação da vida.

Quando ia por morrer, cobrei alento,  
Achando no teu seio o firmamento,  
Bondade minha e minha luz querida.

X

È dia a dia, o teu amor derrama  
Fundas raizes no meu fraco ser;  
Insinúa e se ajusta, e no querer  
Mais se affirma leal, e mais se inflamma.

O extasis dèste delicado drama  
Enlaça as nossas almas a viver,  
Cheias de graça, e gozo e de prazer,  
Em paz, em paz no amor, no amor em chamma.



De tanto enlevo, em derredor, memoria  
Ninguém jámais guardou; e nesta gloria  
Exulta a nossa vida em pleno céo.

Não te assustes, pois, não, e sem queixume  
Sorve da vida o divinal perfume,  
Que sobre nós repousa um denso véo.

XI

Como eu hei de occultar a toda gente  
Este doce veneno — o teu amor?  
Prazer que dá prazer que verte dôr,  
Punhal que martyriza brandamente?

E posso eu, por acaso, o sól ardente  
Esconder? o sól vida, o sól calôr,  
Sól ventura que aquece e faz horror,  
Vida e morte, e mudez que fala e sente?

Não, não posso: de inveja morra o mundo,  
Rancoroso, perverso e cheio de ira,  
Por saber que do teu amor profundo

Vive o meu ser, o coração respira,  
E a vida minha, num vigor fecundo,  
Diz o teu nome á briza que suspira.



## XII

Prende-se a minha vida á tua vida,  
Alma feita de amor, alma sincera ;  
E assim contente, assim desvanecida,  
Vives certo em perenne primavera.

Separar-nos ninguem póde, e embebida,  
A nossa alma no gozo persevera ;  
Para nós, a tristeza é foragida,  
E a treva em luz suave degenera.

Como o tempo sereno corre e passa!

E como traz conforto e bôa graça

O teu sentido e demorado beijo!

Por isso eu ando alegre, e casto, e puro,

Do teu querer eterno bem seguro,

Mais não tendo na vida outro desejo.

FUNC — MA.  
Biblioteca Pública  
"Benedito Leite"

XIII

Do meu ultimo, e meu mais doce amor,  
Minha alma vive cheia e confortada;  
Ternura tão macia e de valor  
Não ha sequer na abobada estrellada.

Céo aberto de luz e de calor,  
Sua bocca mimosa e perfumada  
Dá-me das cousas boas o sabor,  
Que mais não sei delicia desejada.



E o meu ser ao seu ser gentil se enlaça,  
Num só, e num dourado sentimento  
De amor, virtudes, de prazer e graça.

E por isso a cada hora só lamento  
Não poder eu, co'os labios n'aurea taça,  
Tel-a sempre, de todo o assentimento.

XIV

O céo me concedeu summa ventura  
De só viver tranquillo no teu seio;  
Por outro bem qualquer eu não anceo  
Que nada vence a tua formosura.

Esse retrahimento, essa doçura,  
Nunca exposta e dada a outro galanteio,  
E' a doce canção, doce gorgueio,  
Da tua alma de excelsa compostura.

E com esse rico e gracioso erario,  
No cerro ou na cidade solitario,  
Eu acho em ti a minha só guarida.

E tudo isso a miuha alma divinisa,  
Ar de vida que a mim me tranquillisa,  
Pois eu vivo immortal na tua vida.



XV

Tu não és como as outras : a doçura  
Que tens de uma nobreza senhoril,  
Vem do raro saber que a tu'alma pura  
Derrama em derredor, doce e subtil.

Tens no rosto a suave curvatura  
De um gesto iluminado e juvenil,  
Reflectindo brilhante a sã cultura,  
Tão pousada, tão meiga e tão gentil.

Não é da carne só o viço e a graça  
Que me empolga, me prende e me seduz,  
Da carne que me abala, e morre, e passa...

Mas sim do bem que eterno tens de luz;  
Constante sempre, noite o tempo faça  
—Pharol de amor, que para o amor conduz.

XVI

Outros vão, por enganos e artificios,  
Pondo o amor nos agrestes corações;  
Nos corpos, fazem grandes, mil supplicios,  
Semeando felinas affeições.

Aqui e alli, por toda a parte, indícios  
Vão deixando de crúas illusões ;  
Plantando vão da carne os feios vícios,  
Os ciumes senis e as vis paixões.



Mas tú, tú só, tú vaes, tranquilla e doce,  
Como se o mundo um céu aberto fosse,  
Espalhando a bondade e o puro amor.

Vive nessa redoma; e, sem receio,  
Guarda a ternura no teu casto seio,  
Que está nessa meiguice o teu louvor.

XVII

Na primavera deste amor, no dia  
Que dos teus doces olhos a brandura  
Por sobre mim baixou, quanta alegria  
Que o céu não teve! e, Deus, quanta ventura

Minh'alma não fruiu da formosura  
Do teu ser todo feito de harmonia,  
Da tua voz—de graça e melodia,  
Nos effluvios de amor sempre segura!...

Estrella, então brilhavas, com firmeza  
Por noites dos meus dias tenebrosos...  
Serena emanação, casta belleza,

Fugiste, e foste esquiva por além...  
E eu só,—volvi á noite dolorosa...  
Oh! não, não tardes mais! não fujas! Vem.



## XVIII

Neste rodar da vida, descuidado,  
Eu só do teu cuidado vivo cheio;  
De tudo como andasse angustiado,  
Que só por ti suspiro, e gemo, e aneio...

Mas o duro e cruel, e negro fado,  
Que sempre, por contrario, de permeio  
Entre nós dous, se põe allucinado,  
O corpo se me avilta, e a mente, e o seio...

Vida ingrata! viver de eterno lucto!

E doido, e triste em magua, num minuto,

Quero nos olhos teus achar guarida!

Embalde! neste mesmo curto espaço,

Tu te acolhes no esquerdo e duro braço

Desse... minha visão aborrecida!

XIX

«Desce e desce na escala do soffrer,  
Desce co'o corpo em chaga, pela dôr  
Que poude só achar o teu amôr,  
Por cumprires zeloso o teu dever.

Por mais, por mais que faças, has de ser  
Julgado sem justiça, e com rigôr,  
Porque o teu crime está na tua côr,  
E o desprezo te vem do teu querer...»



Infelizmente eu sei:—e não ignóro  
A minha posição; mas eu implóro  
Que não me lances no segundo plano!

Tenhas pena de quem não tem guarida  
Em parte alguma; e toda a triste vida  
Mergulhado passou em duro engano.

XX

O prazer é a dôr que dilacera  
Dois seres, que se fundem para a vida;  
E' nota que vigora e regenera  
Do espirito a fraqueza combalida.

O descontentamento, que exaspera  
A tua candida alma estremecida,  
A flux, meigos e doces beijos gera,  
A existencia tornando apeteçada.

Não chores, pois, que a dor distingue o forte  
Que ao mundo não receia: affronta a morte  
Altiva, não temendo o seu rigor.

Só prende a estreita escala da moral  
Ao verme, á lesma ao inferior zagal:  
Que do combate vive o grande amor.



XXI

E corre o tempo triste; já me cança  
O duro bracejar para o infinito,  
Procurando o idéal que não alcança  
O sonho, que se váe tornando em mytho.

Pervicaz no revez, sem esperança,  
Cumprindo vou o fado de granito,  
No mar revolto sempre, e sem bonança,  
Que assim pelo destino está escripto.

E váe a luz fugindo no horizonte,  
Para que não esteja eu só na fonte  
Do amor, e do prazer a sós contigo,

Doces canções de beijos modulando,  
Nas curvas do teu corpo casto e brando,  
Minha adorada pena, é meu castigo.

XXII

De carinho e de amor, constante, eu fiz  
Esta casa gentil p'r' o teu conforto:  
Rosas pelo jardim, rosas pelo horto,  
Orchidéas, boninas, cravo e liz,

Tudo aqui a ventura fez, e quiz  
Que de vida exultasse; e fosse morto  
O desditoso fado vesgo e torto  
Que te não curva a magistral cerviz.



E neste paraizo, soberana,  
Entre a divina graça e a graça humana  
Tudo de amor e adoração te enchia.

No entanto foste má: — cruel veneno  
Puzeste por aqui, no bom terreno,  
Que p'ra mim se converte em tumba fria.

XXIII

«É muito bom...: a maciez do arminho  
Não tem, sequer de longe, a doce e pura  
Meiguice divinal do teu carinho,  
Que singular, e só, a fez natura.»

E então te ouvindo bella, em desalinho,  
Na tua alva roupagem de candura,  
De beijos me juncaste o bom caminho,  
Brando ideal da tua formosura.

Do atheniense o philtro dulçoroso  
Que Jupiter no Olympo prelibava,  
Os requintes de amor profundo, tudo

Quanto ha divino, bello e gracioso,  
No teu alabastrino corpo estava,  
Estava no teu beijo longo e mudo.



XXIV

Tenho de amor a sêde imperiosa,  
Que só, só no teu peito se mitiga,  
Porque tú tens a fonte, a fonte amiga,  
Constellação de beijos, carinhosa.

E's má, porém; o mêdo assim te obriga  
A tornar-te arredia e caprichosa,  
Abelha, que sussurra de raivosa,  
Paraizo de amor, que me castiga.

Não me arrastes assim; não me tortures

A sedento morrer obediente

Ao teu immaculado seio puro;

Oh! não; não sejas má; não, não procures

Ferir e maltratar tão atrozmente

Quem confia no teu amor seguro.

XXV

Dos teus olhos a musica descreve  
A dorida pureza do teu gôzo,  
Tornando mais gentil e radioso  
O teu semblante angelico de neve.

Nas curvas que o teu cõrpo casto e leve  
Traça do amôr sentido e langoroso,  
Minha alma vive num mover airoso  
De bondade, que a ti sómente deve.



E o rythmo modular e serpentino  
Do teu ser delicado, honesto e fino,  
Estranhas convulções em mim produz;

E assim preso num beijo aereo e doce,  
Fico como se eternamente fosse,  
Em uma esfera musical de luz.

XXVI

Dormes tranquilla e calma, a noite inteira  
Sonhos tendo de amor e fantasia;  
E o luminoso céu te acaricia,  
Em um mar de bonança alviçareira.

Doce imaginação, por mensageira,  
Mesmo no somno, em bôa romaria,  
Unge-te a alma de branda poesia;  
Musa do bem, do amor, musa fagueira,

Tudo te inveja; tudo te enamora,  
A ti que tens eterna e branca aurora  
No sereno dormir, no despertar:

E' que contigo vive em puro extremo .  
O Deus da Paz, o Deus do amor supremo,  
E' que contigo dorme o meu pensar.



XXVII

E tú disseste: «Só a vista mata  
Esta saudade atroz, que me tortura;  
Só nos teus olhos eu encontro cura  
Para mal tão grande que a dôr retrata.»

E a voz se me entorpece: fio de prata  
Do rosto a côr me torna mais escura;  
Dolente escorre, e vae á commissura  
Dos labios que o soffrer fere e maltrata.

E eu não posso ficar:—o meu destino  
Fóra me põe, cruel, do teu divino,  
Alto e profundo coração em ouro...

E vou—mas eu commigo levo a dôr,  
Arco-iris idéal do nosso amôr,  
Glauca esperança e senhoril thesouro...

XXVIII

Vae este trem galgando, sem tardança,  
O pincaro onde tens immenso o ninho;  
Nem um rumor no espaço, e no caminho  
Celestial socego, e só bonança.

O lirio pelo valle se balança;  
Por toda a parte, um brando e doce arminho  
De paz, de amor profundo, e de carinho  
O peito me reveste de esperança.



A pedra dura que o ar acaricia,  
Tudo que a natureza move e cria  
Fala de amor, no puro amor fluctua.

E a razão disso sabes tu, amiga?

E' que me vae na mente, e os céos obriga

--A magestosa e bôa imagem tua.

XXIX

Váe-se da minha vida o teu carinho,  
O ar que respiro, o meu pensar tranquillo...  
E, má, tu me fechaste o bom caminho,  
—A tenda do teu seio, o meu asylo.

Amôr é o ar de todo o casto ninho;  
O amor apothese, e não sigillo  
Que teme a luz; o amor em desalinho,  
Que do vento não teme o vão sibillo.

O amor que foge, se compõe e apura  
Pelo interesse rude que tortura,  
Matando o sentimento e o coração,

Eu detesto e aborreço: sou mui bravo,  
Não quero ao preconceito ser escravo,  
Que esta vida não vale uma canção



XXX

Na tarde em que partiste, a natureza  
Estava toda em riso e grande festa:  
O céu — sem nuvem negra manifesta,  
E a viração — subtil em redondeza.

E pela serra além, pela deveza,  
Canoros passarinhos; na floresta,  
A flôr que o sentimento apura e atesta,  
Lasciva se mostrava em singeleza.

E no entanto, ia triste e pensativa,  
Languidamente a todo o amor esquiva,  
Maguado o coração, maguado o peito:

E' que sabias que ficava em dôr  
Immerso o teu escravo, o teu amor,  
Sem a luz dos teus olhos, contrafeito...

XXXI

A esses que, contra mim, occultamente  
Guardam no duro seio um vil deprêso;  
A esses que, o coração em ira accêso,  
A morte me desejam claramente;

A esses, eu mal não quero: pois ardente,  
Teu peito a todos vejo alegre prêso,  
Desse amor supportando o amargo pêso,  
Embora contra mim tão rude gente.



Seja assim; não maldigo a minha sorte,

Quero vêr-te por todos venerada,

Mulher de corpo lindo, mulher santa:

Recebo em vida, com prazer a morte,

E minh'alma de todos despresada,

De amor um hymno eterno a ti levanta.

XXXII

Nas obras, natureza caprichosa,  
No silencio, encanto e maravilha  
Faz tal — que do monturo sáe a rosa,  
E do negro carvão a luz rebrilha;

Na tarefa serena e copiosa,  
Serras faz do granito que se empilha;  
E do beijo que manso o amor despósa,  
O genio — que do Gran'poder partilha.

Por isso é que meu peito se estremece,  
Quando dos negros olhos, a bondade,  
Mudamente, lhe falta e lhe fallece.

Então, eu fico em dura anciedade:  
Nem mesmo a luz do sol me basta e aquece,  
Que só em ti se vê a potestade.



XXXIII

De esperar, tanto e tanto, o teu carinho,  
A força já me falta de cançado;  
Mais me esforço, e ando, e luto, o teu agrado  
Mais longe vae ficando do caminho.

Flôr que o céu, por guardal-a, de mansinho  
Poisou em ramo augusto e alcandorado,  
Eu não posso attingil-a, e maltratado  
Da mágua sinto o duro e fero espinho.

Galerno vento então, lá do arvorêdo  
O fructo põe na altura do meu braço;  
Mas outro fado mau, um mau enredo

Logo augmenta cruel, o breve espaço...  
Oh! vem, amiga minha, deixa o mêdo,  
Que Deus te guia no amoroso passo.

XXXIV

Ando peregrinando, vou pelo ermo,  
E vou pela floresta, descontente ;  
Corro pela cidade, e sinto enfermo  
Meu pobre coração de sêde ardente.

Procuô allivio, e sei que não tem termo  
Este duro soffrer impertinente :  
Que este pungir dorido desfazer-m'ô,  
Só, teu sereno gesto pôde urgente.



Para mim todo o mundo está de geito  
No teu semblante de pureza feito,  
Mimo sem mancha, graça sem penhor.

E, no entanto, temendo-me ao teu lado,  
Fazes-me andar o mundo, angustiado,  
Peregrino infeliz do teu amôr.

XXXV

Não se movem as folhas; o calôr  
A natureza toda queima e mata;  
O pássaredo o canto não desata,  
Maguado pela calma e pela dôr.

E tudo mudo está; e com um pavôr,  
Uma nuvem pesada se dilata,  
Febril cahindo, natural cascata,  
Para as festas gentis do agreste amôr.

Ouve, põe o teu rosto no meu seio,  
E o céu e o Deus clemente de permeio:  
Reduze aquelle amor em cinza e pó!

Eu só te amo, e te quero, eu só te adoro,  
E, por isso, a ti peço, a ti imploro:  
Dize-me alto — que és minha e minha só.



XXXVII

Mais cruel não podia ser a scena  
Do teu desprezo contra a pobre flor;  
De a ver pisada assim me causa pena,  
De a ver assim cusvida causa dor.

Teu proceder me avilta, e me condemna  
A fugir dos teus olhos, e com horror;  
Sinto que me trucida, e me envenena  
Com outrem teu carinho, e o teu amôr.

Eu também fico mudo; e, só, me agito,  
Alheio, fóra do mundo; e, todo afflicto,  
Ao fundo do meu ser, severo desço...

Vejo em mim se debate estranha lucta,  
Enorme, sem igual, que o peito enluta:  
—E' a saudade que de ti padeço...

XXXVI

Dôr que estrangula, dôr que abate e opprime  
Essa que me causaste, áquella escura  
E pluviosa noite, sem ventura,  
Em que de amor tu commetteste o crime.

Nada te absolve, não, nada redime  
A grande culpa tua, e que perdura  
Nessa obstinação cruel e dura  
Que espero na tua alma não se acclime.



Que me vaes propinando, jaz leal  
Apezar de ferida pelo mal  
Desse verme que rói e te arruina.

Pouco me resta... mas eu não desejo  
O teu amor assim como um sobejo:  
Prefiro, pois, morrer, cumprindo a sina.

XXXIX

Por longes vou chorando, e me retiro  
Do teu carinho avelludado e dôce...  
Que se me torna a mente, como eu fosse  
Num circulo infernal que não respiro.

Vêr-te soffrer, penar; vêr que, em suspiro,  
Te põe a alma maguada a crúa foice  
De um espirito mau que a mim me trouxe,  
Sem causa, o espinho agudo em que me firo,

Pobre botão de rosa desfolhado,  
Pobre de mim vilmente despresado  
Por quem devera grato ao menos ser;

A ninguém eu direi que fui trahido,  
Não terei uma nota, um só gemido,  
Othelo da desgraça e do soffrer.



XXXVIII

Pouco me resta de viver! a luta  
Me envolve, me estrangula e me comprime:  
Que da dedicação fizeste um crime,  
Do amor uma vileza feia e bruta.

Eu a moral feroz e bem corrupta  
Não escrevi; e não ha quem estime  
Calcar, no coração, a mais sublime  
Virtude que, na taça de cicuta,

Não mais me queixarei: assim te quero,  
Alma de minha alma que do outro não,  
Que eu só te amo, e te adoro, e te venero.

Não me feches, maldosa, o coração,  
Que sou leal, constante, e sou sincero,  
E do outro não terás igual paixão.

XLI

«Traz o menino uma floresta inteira  
Na semente que tenue tem na mão...  
E bem póde a fagulha traiçoeira  
Todo um mundo abrasar por communhão.»

Tu o dizes, e o sabes; e a razão  
Veloz t'o confirmando, verdadeira,  
De accordo o sentimento e o coração  
Váe... e no emtanto ficas... zombeteira...



E' cousa que me abate e me apavora;  
Assim eu cá não venho, e o coração  
Me fica em fél immerso, em pranto aberto.

Mas por longe que eu siga, mundo em fóra,  
Commigo seguirá sempre a razão,  
De mim o teu semblante pondo perto.

XL

Tú jamais ouvirás os meus queixumes,  
Alma feita de neve, alma de luz,  
Cujo fulgor me fére de ciúmes,  
Cujo zelo me põe em doce cruz.

Não me cabe razão: o que produz,  
Em mim, a dôr maior, de tantos gumes,  
E' de tua alma o brilho que seduz,  
E' esse mêdo que no gesto assumes.

E então terás remorso ! e apesar  
De me pôres, sem dó, neste abandono,  
Como sempre, estarei por te adorar...

E mesmo no da vida triste outomno,  
Firme, eu te guardarei no meu altar  
Que o céu clemente a ti legou por throno.



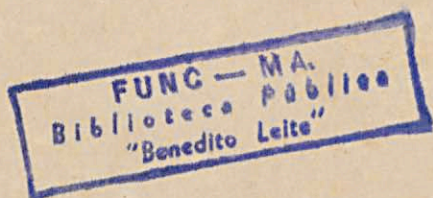
XLIII

Para aplacar a dôr que tanto e tanto  
Me váe minando os dias lentamente,  
Sahi, e triste fui de canto em canto,  
Por vêr se dó achava no ambiente.

A bondade, por todo o rosto, encanto  
Vivo e caro, mostrava docemente...  
Mas... qual não foi, porém, o meu espanto,  
Só me vendo, entre todos, descontente?

Quantos factos, mil cousas pequeninas,  
Que tudo o peito em dôr me dilacera,  
Não tens feito, querida, sem pensar?

Olha... dá-me do teu sorriso as finas  
Dobras, que sobre mim de certo impera  
Do teu sincero amor o immenso mar.



XLII

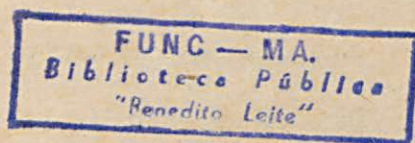
È nesse tempo então verás, bem cêdo,  
Quam sincero e profundo eu te queria;  
È sentirás a dôr que me gemia  
No peito, que fizeste em vil degrêdo.

Esta dôr infinita que, em segrêdo,  
Eu padecendo passo, em agonia,  
Ha de pairar, perenne, noite e dia,  
No teu imaginar convulso e trêdo.



Densas mattas de amôr constante e puro,  
Passarinhos canoros, aguas mansas,  
Vós não tendes a força de prender-me...

Só ella, neste meu viver escuro,  
Apezar das doridas esquivações,  
Poderá nesta vida assim deter-me.



XLIV

È faze forte o teu peito, e faze-o sereno,  
Cumprindo o teu dever—domando a natureza :  
Não dês aos teus amigos mostras de fraqueza,  
Não colhas com dezar do mêdo o vil aceno.

Affronta a morte: quem não sabe do veneno  
Erguer a taça rubra, e com leal firmeza,  
Não póde ser pastôr: deserta da nobreza  
Que faz de eterno bronze, todo o ser pequeno.

Ergue o teu collo altivo e bom, céo de alabastro,  
Co'a meiguice da lua, e co'o fulgor de um astro,  
Que prenda a escuridade, e todo o crime acabe.

E conduze firme esse botão de esperança,  
Que luminoso vive em cada ser—creança,  
E pagina inda em branco e que viver não sabe.



MADRIGAES

I

Mansa e inquieta abelha,  
O mel que fazes  
Não tem igual, não tem parelha  
No prado, no jardim, no campo inteiro :  
E' o teu macio beijo,  
Que mais perfume tem que o jasmineiro  
Em plena floração.

Nelle eu vejo,  
Do teu bondoso peito no fundo imo,  
Ternura e graça, graça e mimo  
Que assim não ha no céo.  
Dos teus labios no casto e puro véo,  
Só um beijo ha igual ao beijo teu:  
E' um segundo beijo sussurrado,  
E demorado  
Por entre o soluçar dos teus arrufos.



II

(Ao Othelo Caldas)

Grande é o teu amor: o mar impetuoso,  
Rugindo forte,  
E bradando raivoso,  
Jamais se lhe compara, no balanço  
Desatinado e triste, e doudo, e cégo;  
Em cachôpo, o frio pégo,  
No seu querer,  
Fraco se torna, e manso  
Ao duro encontro de rochedo duro.

Não assim o teu bello e grande amor:

Não encontra, não conhece muro,

Que se lhe opponha;

Mais firme que a morte,

Maior do que a dôr,

Sem par e fôrte,

Vil peçonha

De preconceito vil e deshumano

Não lhe abate a cerviz serena e nobre.

Grande é o teu amor, que não padece damno:

Teu peito o guarda, justo, e o céo tranquillo o cobre.

# BALLADAS



## ODETTE

E' Odette uma princeza,  
E' filha e irmã, modelar.  
Que de mimo e singeleza  
Na casa tem, no seu lar...  
Sua mãe que váe chegar  
Das terras lá do sertão,  
Saudosa de coração.

Odette foi ao jardim,  
Braçadas colher de rosas.  
Gesto bom não vi assim,  
Nem maneiras tão formosas...  
Fructas colhe saborosas...  
Sua mãe chegar contente,  
No prazer de toda a gente.

A toalha põe na mesa...

Que de alvura tão de neve!

Pois a Odette quer surprêza

Fazer grande a quem se deve!

Lição nobre em tempo breve!

As taças no seu tinir

Marcam da festa o nadir.

Pula e salta de alegria

Odette com a sua irmã...

Que de suave harmonia,

Desde o romper da manhã...

Natureza folgazã...

Parte da festa, o canario

Solta o canto solitario.



Ao cair da noite, então  
Chega a mãesinha de Odette.  
O pagem abre o portão,  
A festa tudo promette.  
Esta lição acarrete  
Exemplo por imitar  
De Odette o doce beijar.

E' Odette uma princêza,  
E' filha e irmã, modelar.  
Que de mimo e singeleza  
Na casa tem, no seu lar...  
Sua mãe vem de chegar...  
Recebe o beijo de Odette  
Que o seu coração reflecte.



## DONA FLOR

Foi, pela serra a sonhar,  
Dona Flôr, com o seu querido;  
Levava no seu pensar  
Pedáço do céu cahido...  
Era um rosario tecido  
Da aurora do seu noivar...  
E Dona Flôr a scismar...

A's margens do Paquequer,  
Azeda recordação  
Não lhe toldava sequer  
De relance o coração...  
Era tudo uma oração  
Aos seus dotes de mulher,  
De manhã ao rosicler...

Por manhã, colhendo — flôr;  
Por tarde, — em só devaneio  
Nos braços do seu amôr...  
De nada tinha receio...  
Que maravilhoso enleio:—  
De noite, brando calor  
No dormir de Dona Flôr.

O mundo bem um deserto  
Para Dona Flôr, então...  
A vida — jardim aberto  
De rosas só em botão...  
Pela serra, a viração...  
E de Dona Flôr mui perto  
O seu cégo amor incerto.

As aguas, — no seu vagar  
Do Paquequer somnolento ;  
Dona Flôr no seu amar,  
No seu amar violento...  
Amôr assim é tormento...  
E Dona Flôr a imitar  
As aguas no marulhar.

Haste doce a entrelaçar  
Em duro tronco sombrio ;  
Dona Flôr a suspirar  
Bem junto ás aguas do rio...  
E' quadro de dôr e frio...  
E longo váe o scismar,  
Sempre e sempre a delirar.



Foi pela serra a sonhar,  
Dona Flôr, com o seu querido ;  
Levava no seu pensar  
Pedaco do céu cahido...  
Era um rosario tecido  
Da aurora do seu noivado...  
E Dona Flôr a folgar.

## MARIA

(Ao Isnard Dantas Barreto)

Não tem socêgo a Maria,  
Não me deixa um só momento...  
Quer de noite, quer de dia,  
E' Maria o meu tormento.  
Maria vive a penar,  
No meu louco imaginar.

A's vezes, Maria quer,  
No Leme, veraneiar...  
Devaneio de mulher,  
Que vive só a brincar...  
E vae, o carro a rodar,  
Maria, toda de azul,  
Vêr o—Cruzeiro do Sul.

De leve, corre na arêa,  
Maria, cheia de graça...  
E, mesmo alli, quer a cêa,  
Com vinho que faz fumaça...  
O mar váe, e vem, e passa...  
Maria dá uns gritinhos...  
Fogem todos os peixinhos...

Eu vivo todo a tremer,  
Quando Maria não vêm...  
Parece que vou morrer,  
Ródo d'aquem para além...  
Maria é todo o meu bem.  
Maria, doce luar,  
Do meu triste imaginar.



Maria logo aparece...

Que doce e santa alegria!

Meu coração estremece...

Meu Deus! oh! minha Maria,

Tú és mais que a luz do dia,

Tú és a Estrella Polar,

No meu vago imaginar.

— Eu te venero, meu Tudo,

Vamos a um passeio, á tôa...

E vamos, não fiques mudo...

Beira-mar, Quinta, Gambôa...

Oh! que linda cousa bôa...

Maria, cheia de zêlos,

Passa a mão nos meus cabellos.

E o auto se põe a rodar...  
Já váe subindo a Tijuca,  
Cascata, Furnas, lugar  
Do nosso amor... Que maluca...  
Isto aqui é arapuca...  
Pois alguém póde espreitar  
O nosso doce arrular...

Não tem socêgo a Maria,  
Não me deixa um só momento...  
Quer de noite, quer de dia,  
E' Maria o meu tormento.  
E' que, no meu pensamento,  
Maria, cheia de dôr,  
Já não quer o meu o amôr.

NO CODÓ



## NA FONTE

Eu á fonte vou por agua,  
Quero ser-te companheiro ;  
Quero matar esta magua,  
Que me afflige por inteiro!

E preso por tua mão,  
Vou levando a tua bilha...  
No teu rosto, a viração  
Pondo cheiros de baunilha.

Olha o cajazeiro aqui,  
Como se move garboso!  
Olha o ninho de japy,  
Com o seu casal amoroso!

Chega aqui para esta lage,  
E bem juntinho de mim...  
Vê como a tola reage  
Contra os abraços sem fim...

Que vem a agua marulhosa,  
Bate, e volta de arrufada...  
Que alminha tão pedregosa!  
Não agradece! malvada!

Não és assim, Etlvina...  
E, como a agua a soluçar,  
És duma graça divina,  
Doce, sempre a imaginar.



Um beijo na tua bocca,  
Parece o rio a correr...  
E não tens meiguice pouca...  
Pareces rôla a gemer...

Vamos encher a cabaça,  
A bilha vamos encher;  
Titia não é de graça...  
Já está a escurecer...

E, quando nós formos gente,  
Faremos, como o japy,  
A nossa casa contente,  
Nas moitas de bogary.

.....

Dês que de lá parti,  
Não soube mais de Etelvina...  
E deploro... que não vi  
Assim tão meiga menina.

## NA ROÇA

Vou atrelar os carneiros

No carro: vamos á roça!

Eu já preendi os fueiros

Com uma forte corda grossa.

Vamos colher melancia,

Milho verde, vinagreira,

Tudo que encha de alegria,

Á Etelvina, feiticeira.



E do carro no chedeiro  
Já lhe puz ramos de murta...  
E ella com este ar prazenteiro,  
Como irá de saia curta!

Os cocões estão seguros,  
Bem macia a chumaceira...  
Partamos já lá dos muros!  
Já se vai uma hora inteira.

Ia contente a Etelvina;  
E o carro logo chiando,  
Gemendo mauso; á surdina,  
Pela estrada deslisando.

Corpos negros reluzentes,  
E pelo eito, modulavam  
Trovas rudes e gementes,  
Que os corações magúavam.

Gente bôa, a que o trabalho  
Faz alegre e jovial,  
Não permite que o cascalho  
Á Etlvina cause mal...

Erguem-na, porém, ao collo,  
No largo chapéo de palha...  
E a arêa quente no sólo  
Lampeja bruta, e farfalha.

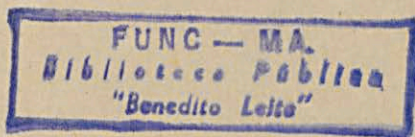
.....



Era um viver socegado,  
Naquella floresta immensa;  
— Doce clima perfumado.  
Sem rigor e sem offensa.

Quanto mais o tempo passa,  
Mais se me aviva a memoria  
De tanto mimo, e da graça  
Desta casta e bôa historia.

.....



# CANÇÕES

## FUGISTE...

A vida se expandia por intensa,

Pelo calôr:

As flôres todas, e o jasmim na immensa

Plenitude de gôso e de amôr,

De festa o ar enchiam.

A natureza inteira em gestação bailava...

As cigarras bebiam

Toda a alegria que pelo ar pairava;

E só de amôr cantavam, té de amôr morrer.



E o sol ao nascer,  
Impetuoso vinha só de amôr queimando.

E a agua grogolejando,  
De verde tudo punha pelo prado.

E o insecto alado,  
A estremecer,  
Num ruflar de azas, carinhoso e bom,  
Amava alegre num mover de antennas.

E as aves, as pennas  
Rútilas tinham pelo suspirado som  
Do amôr.

Quebradas as prisões, quebradas as gehennas,  
A brincar,  
Por toda a parte, o vento  
Amôr a soluçar!

E o céu

Rasgando o pudíco véo,  
Do firmamento na incúde,  
Canta a ruidosa canção

Do trovão,

Que chora sobre a terra rude.

E o grillo, no agudo tiple,

Rumor espalhava de magua e lamento.



Tudo, na doce orchestra magistral do estio,  
Pelo calor vibrava detestando o frio.

Mas eu?—Eu só, mesquinho, no abandono lento

De dôr,

Aqui feneço sem o teu amôr.

.....  
Fugiste...

E para mim, sómente o inverno existe.

## CHORANDO...

A' noite, foi-se-me a vida,  
De tédio cheia e tristeza: —  
A luz faltou-me, querida,  
A luz da tua belleza.

Sem ti, parece que um pêso  
Sobre mim, cáe, de mansinho:  
Da gente quero o desprêzo  
Pelo teu leal carinho.

Não me deixes assim, não,  
Que um dia posso morrer:  
Está no teu coração  
O meu suave viver.

Onde tu foste, á noitinha?  
Que sitio em céo dispuzeste?  
Vê que só, e só, és minha,  
Minha candura celeste.



Se longe de ti me vejo,  
Definho só de tristeza...  
Pois eu tenho um só desejo:  
Viver na tua firmeza.

Não me deixes assim, não,  
Entre gente andar sósinho:  
Põe-me só no coração,  
Dá-me só o teu carinho.

PEDIDO...

Eu vou contar-te um segredo,  
Meu mimoso sol de amôr:  
Ha muito que tenho medo  
De perder-te, minha flôr...

Aquelle gesto sombrio  
Que déste, tão desleal,  
Fundo minh'alma ferio...  
Foi duro, ferino mal.

E assim tal não faças mais  
Ao teu bondoso captivo...  
Severos golpes fataes,  
Mau trato, sem lenitivo.

E para curar a dôr,  
Que me abriste com trigança,  
Vem aqui com muito amôr,  
Vêr-me agora sem tardança.



Tão má e tão pequenina,  
Feres a quem te venera...  
Vem, mimosa, vem, bonina,  
E vem já, sem mais espera.

Quando cheguei, tu sahiste,  
Por longos sitios andar...  
Do meu carinho fugiste.  
Fugiste, por maltratar...

Tão má, e tão pequenina,  
Feres a quem te venera...  
Vem, mimosa, vem, boniua,  
E vem já, sem mais espera.

ASSIM É...

O gosto vae pela idade  
Pouco a pouco se alterando,  
É tudo em conformidade  
Vae suave se operando.

O folguedo, a graça, o mimo,  
Ninguem ha que sempre guarde:  
De manhã—é tudo opímo,  
Triste tudo — pela tarde.



Quem póde dizer, ao certo,  
Que o prazer que o peito sente  
Fique sempre em céu aberto  
No viver de toda a gente?

Quem póde prever sequer  
Que, pela tarde da vida,  
Não se altera o rosicler  
Em negra côr, aborrida?

A's vezes vem a ventura  
Linhas curvas descrevendo,  
Em negro fêl, a doçura,  
Nas suas azas trazendo.

O desprezo, a morte, a dôr,  
Peito altivo não conhece:  
Não se queixa a meiga flôr,  
Sósinha, quando enlanguece...

E' prazer um sofrimento  
Ferido no coração...  
Traz sabor o esquecimento  
De uma fingida paixão.



O tempo vae dando preço  
A um amor que só padece:  
A quem não soffre aborreço,  
Que o meu só desdem merece.

Não vale, pois, esse chôro,  
Por um sonhar que se evola:  
Outro após vem... e mais louro  
Que o puro amor acrisola.



EMFIM...

Que pudôr! que maravilha  
Na tua mão pequenina!  
Onde ha philtros, aonde brilha  
A graça mimosa e fina.

A rosa é menos pudica,  
A verbena menos casta,  
Quando a tua mão deifica  
O beijo, que o mêdo afasta.

Tu sellaste assim o amôr  
Que nos prende para a vida:  
Com a face, em pleno rubôr,  
Profundamente ferida.

Agora marcar tu debes  
O tempo do nosso enlevo:  
Vê tu que os dias são breves,  
E eu... eu por mim não me atrevo.

Não vêr-te um dia — é martyrio,  
Vêr-te esquiva — dôr sem nome;  
Vê tu, pois, meu casto lirio,  
Como a vida me consome.



Põe sempre na mente, viva,  
A imagem de quem te quer:  
Que eu, vendo-te mesmo esquiua,  
Não adoro outra mulher.

## QUEIXUMES...

Entrando pelo jardim,  
Que tristeza e soledade,  
E que angustia e anciedade,  
Cousa lugubre, sem fim...  
Longe pela serraania,  
Se foi o sol de alegria,  
O encanto dessa deveza...  
Cousa lugubre, sem fim...

Todo o arvorêdo enlanguece;  
Nas folhas — nem um rumôr,  
Um só silencio de dôr  
Que o meu viver adormece...  
De tudo — foi-se o prazer,  
De tudo — foi-se o querer,  
Que esta fria despedida  
O meu viver adormece...

O jasmineiro querido  
Já não tem viço e perfume;  
Do desespero resume  
O fado mais dolorido:  
Por terra, pendeu a rama,  
E, nesse cair do drama,  
Na sua mudez, descreve  
O fado mais dolorido.

Deserto o seu ninho quente,  
E mudo o seu passaredo,  
O ar se revela em segredo  
Uma saudade pungente...  
Já não posso supportar,  
Tão longo veraneiar,  
E o meu peito só delira  
Uma saudade pungente...



Das aguas o só pingar  
Parece um crebro gemido;  
E do suave ruidó  
Cada queda é um scismar...  
Lagrimas, certo, do peito,  
A' dôr muito e muito affeito,  
As gottas não dizem bem  
Meu triste e longo scismar...

Se tu não vens, eu deserto  
De vida tão mal vivida,  
De vida tão aborrida,  
Sem a luz do teu olhar...  
Vem tu, pois, o' corpo de ouro,  
Abrir o bello thesouro  
Da tua divina graça,  
E da luz do teu olhar...

## SIMPLES

Tua lindeza, Odysseá,  
Te realça tanto a côr,  
Que parece uma epopéa,  
Feita pelo proprio amôr.

Não conheces artifício;  
Simples como a leve Rosa,  
Para a abelha foste indício  
De verbena perfumosa.

Assim sempre deves ser:

Um escriptorio de bondade,

Por todo o casto viver

De tua serenidade.



## PELO TELEPHONE

Não; eu ainda não ouvi  
Voz assim tão meiga e doce...  
E no momento senti  
Que um céu aberto me fosse...

Celestial creatura,  
Que, por segredo se occulta,  
Perfume, que mais se apura,  
Quando, escondido, se avulta,

Quem tu és? — desta verdade,  
Ninguém, de certo, cogita:  
Pois não cabe a divindade,  
Em uma esfera finita.

Olha—qual se me apresentas,  
Eu não conheço teu par:  
Tens atração das tormentas,  
Tens meiguice de luar.

E canta, de effluvios cheia,  
Na de amor sagrada prenda;  
E's a encantada sereia  
Da luminosa legenda.

E fazer milagres pode  
Quem domina corações:  
Vem, a vontade sacode,  
Nas sentidas vibrações.



Não; eu ainda não ouvi

Voz assim tão meiga e doce:

Nos encantos me prendi...

Por um céu distante... foi-se...

# RONDÓS

## GIRA-SOL

Gira-sol, ó flôr sem par,  
Tenho dó do teu penar.

Por que assim te affliges tanto  
Por quem por ti não aneia?  
E vélas sempre, e o teu pranto  
Vae morrer na fulva areia  
Do teu jardim no recanto.



Gira-sol, ó flôr sem par,  
Tenho dó do teu penar.

Mal se mostra no horizonte  
O sol, na dourada séde,  
Tu lhe apresentas a fronte  
Ao beijo que não te pede,  
Ao beijo forçado, insonte...

Gira-sol, ó flôr sem par,  
Tenho dó do teu penar.

Sempre o sol no seu correr  
Vae de ti fugindo certo...  
Beijo assim não dá prazer,  
Dado franco, a descoberto,  
Beijo tal não faz soffrer.

Gira-sol, ó flôr sem par,  
Tenho dó do teu penar.

Enrubecido, corado,  
Vae o sol por traz o mar...  
E vaes logo, despejado,  
O rosto dar-lhe a beijar,  
Sem o gosto do peccado.



Gira-sol, ó flôr sem par,  
Tenho dó do teu penar.

Se queres ao teu amor  
Dar algum merecimento,  
Não faças nem um favor,  
Que produz esquecimento,  
Que não dá nem um penhôr.

Gira-sol, ó flôr sem par,  
Tenho dó do teu penar.

E do amor a gente fez  
Uma cousa prohibida:  
Falta encanto na rudez  
Natural de facil vida,  
Sem conquista de altivez.

Gira-sol, ó flôr sem par,  
Tenho dó do teu penar.

Esconde, pois, tua face:  
Não queiras em vão soffrer,  
Que talvez veloz se passe  
O tempo do teu querer,  
Da mocidade fallace.

Gira-sol, ó flôr sem par,  
Tenho dó do teu penar.



ELEGIA

## ELEGIA

Quando saes, e amorosa, pela tarde  
Abrandas inda as brutas penedias,  
Sinto que a dôr me fere, e, por cobarde,

Minutos, horas, dolorosos dias,  
Num só segundo breve, eu vejo e noto :  
Seculos são de horror e de agonias.

O meu peito do teu assim remoto,  
Por esse teu fugir tão sem remedio,  
Fica em duro soffrer, parado, immoto.

E' um cruel, atroz, e frio assedio  
Do abandono e desprezo, e de negaça  
Que de ti não mereço em nojo e tedio.



Por que fazes assim? Em que desgraça  
O meu viver tú lanças, sem olhar,  
Vendo-me com desdem, sem mimo e graça?

Sem piedade vaes, e vaes pisar  
Um coração que leva a tua imagem,  
Um coração que traz o teu altar.

Com que dorído vórtice e voragem  
A alma me opprimes, calcas, inclemente,  
Fazendo todo o dia essa viagem ?

Fica, e espera-me, para que eu doente  
Não fique, por tão grande desamor:  
Fructo extranho de peito refulgente.

Mas que vejo? razão não tenho : a dôr  
Que sinto n'alma, é puro, e puro zelo,  
E' um hymno que eu canto em teu louvor,

Alma de neve, singular modêlo,  
Estrella que fulgura em pleno céo,  
Da belleza immortal — o casto sello,  
Da modesta virtude — o simples véo.



Punta — MA.  
Biblioteca Pública  
"Benedito Leite"

VILLANCETES

I

(Ao Alfredo Severo)

Jasmim do seu coração,  
Jasmim de subtil odôr,  
Beijo no seio de flôr.

Porque esse collo de alvura,  
E' de um suave perfume,  
E' vida—brilhante lume  
De minha mór desventura.  
Não sei donde mais tortura:  
Do seio que tem a flôr,  
Ou do fino seu odôr.

Já não tenho liberdade,  
Já não sei o que fazer,  
E mudo fico a rever  
O seu collo de bondade.  
De mim não tem piedade;  
Porque, dôr por sobre dôr,  
Sobrepõe o seu amôr.

Vou morrendo de mansinho,  
Sem poder sequer gemer:  
E, vendo o collo de arminho,  
Fonte de tanto querer,  
Fonte de tanto morrer,  
Eu quero querer a flôr,  
Morrendo do seu amôr.



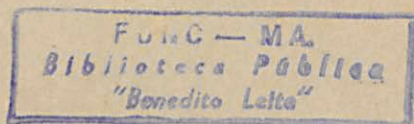
## II

De pequeno, eu puz no peito:  
Se não puder fazer bem,  
Eu mal não faço a ninguém.

O coração trago aberto,  
Serviundo, com muito amôr,  
A todos, seja quem fôr,  
De pobre viver incerto...  
O meu lar não é deserto...  
Se não posso fazer bem,  
Eu mal não faço a ninguém...

O tempo corre em tristeza,  
E ora por ter piedade,  
Recebo, em vez de bondade,  
Só baldão, e só crueza...  
Mas eu não perco a firmeza...  
Não devo velar o bem,  
E mal não quero a ninguém.

Pouco a pouco, o coração  
Tú m'o fechas, sem justiça,  
E fóra me pões da liça,  
Com dobrada ingratidão...  
Mesmo nessa condição,  
Eu sempre te quero bem,  
E mal não faço a ninguém.



### III

A tua partida punge  
Meu coração em verdade,  
Nesta dura soledade.

O rosto não tenho lêdo,  
— Dôr me vae no coração;  
Tua partida é degrêdo  
E não fugas de verão:  
A alma me pões em prisão,  
Sol de toda a claridade,  
E luz de summa bondade.



Eu, ficar alegre, como?  
Como ter a planta côr,  
Se o sol, em ligeiro assomo,  
Lhe tira vida e calor?  
Que grande é a minha dôr:  
Dês que fôste da cidade,  
Vivo em plena escuridade.

A voz tenho já perdida  
De rogar-te graça plena:  
Não me ouves, e, desprendida,  
Aqui nesta vil gehenna  
Me deixas curtindo pena,  
Por querer-te á puridade  
Nesta dura soledade.

IV

Da tua candura em frente,  
Ao lado do teu odor,  
Do jasmim foi-se o vigor...

Daquella planta de neve,  
Rival de tua pureza,  
O mimo foi-se, a belleza.  
Num confronto tenue e leve...  
Tua graça não se escreve...  
Ao lado do teu odor  
O jasmim perde o vigor.

O delicado perfume,  
Que de tua alma irradia,  
É melhor que a luz do dia,  
Que a claridade resume.  
E eu tenho de ti ciúme,  
Quando o jasmim seu odor  
Perde só por teu amor.



V

Que mêdo tu tens de tudo?!...  
Como o coração te agita,  
Na magua de amor bemdita?...

Entra alegre o passarinho,  
Aos filhos cibo trazendo,  
E logo ficas tremendo,  
E foges devagarinho...  
Cicia a flôr no raminho,  
E o coração já te agita,  
Por um farfalho de fita...

E eu quero tornar-me mudo,  
Beijo no beijo colado...  
Mas o teu peito agitado  
Medo revela de tudo...  
Tua pelle é um velludo...  
Mas o teu corpo se agita,  
Na magua de amor bemdita.

O verme não nos faz mal...  
E o sol, cercado de estrellas,  
Maldades não póde vêl-as,  
Que o teu pudor divinal  
É redoma de cristal...  
Como o teu corpo se agita,  
Na magua de amor bemdita?...

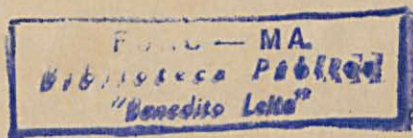
VI

Nem no dia de finados,  
Uma leve compaixão  
Te moveu o coração.

Se, em nascendo, morri breve  
No teu seio virginal,  
Do teu amor, afinal,  
Me cabia um pranto leve.  
No entanto não se descreve:  
Não tiveste compaixão  
Da minha grande afflicção.



Morto vaguei pelo espaço,  
Viúvo do teu querer,  
Cingido no duro laço  
Do teu pungente descrer...  
Deixado até no morrer,  
Sem dó e sem compaixão  
Do teu fero coração.



Eu, mesmo assim esquecido,  
Queria viver na morte...  
Que não é pequena sorte  
Ser por teu desdem ferido.  
Deixa-me, pois, mal querido,  
Enterrado sem paixão  
No teu cruel coração.

## VII

Como a sombra segue o corpo,  
Sigo, no meu padecer,  
Quem de mim não quer saber.

Vae serena, e vae suave,  
A vida passando em sonho;  
E no seu andar tão grave  
Lembrança de mim não ponho...  
E' o meu viver medonho:  
Não me séda o padecer  
Quem de mim não quer saber.

Sol de graça, não clemente,  
De amor enche todo o espaço;  
Mas a mim não vem o traço  
De sua luz resplendente.  
Mesmo perto, estou ausente  
Do seu humano querer,  
Pois de mim não quer saber.

É um castigo atroz, estranho,  
Esse claro sol terá;  
Pois dôr e prazer tamanho  
Num só acto se verá:  
—Sua luz projectará  
A sombra que eu hei de ser  
Queira ou não de mim saber.



## VIII

E, como um favo de mel,  
Tanto embriaga o teu beijo  
Que cousa mais não desejo.

Não sente, de certo, a abelha  
Cousa mais deliciosa,  
Beijando, de manso, a rosa  
Enamorada e vermelha.  
A ternura tens de ovelha,  
E, sendo um, parece harpejo  
O teu casto e doce beijo.

Como a noite ao claro dia  
Se entrelaça docemente,  
Num arroubo de alegria  
Que jamais o tédio sente,  
O meu labio ao teu premente  
Se ajusta por teu desejo:  
Tanto embriaga o teu beijo.

Se a vida é para viver  
Do simples ão summo gozo,  
Só me resta a mim morrer,  
Neste estado venturoso,  
Pois nesse enlevo amoroso  
A minh'alma põe teu beijo,  
Que cousa mais não desejo.

IX

Foges tú do meu carinho,  
Com tão grande impiedade  
Que não ha maior maldade.

Por capricho ou por desdem,  
De mim afastas o seio,  
Pondo sempre de permeio.  
Um medo não sei de quem...  
Maior crueza não tem  
Da morte a fatalidade  
Do que essa tua maldade.



O dia se casa á noite  
Sem amúo, e sem ruptura;  
Não assim tú, que no açoite  
Me lança da desventura...  
Deixa-me, pois, com brandura,  
Vêr-te a sós, á puridade,  
Que nisso não ha maldade.

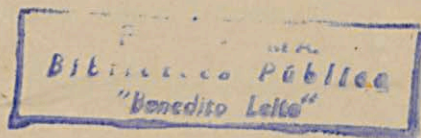
Não fujas, que me enlouqueces:  
Põe sobre mim teu olhar...  
Se, arredia, o medo teces,  
Certo me pódes matar...  
Meu casto amôr tutelar,  
Dá-me o teu seio, em verdade,  
Cheio de meiga maldade.

.....

Ditosos os que vivem bem calados,  
Mettidos em si mesmos, e contentes  
De não serem ouvidos nem julgados.

.....

*Dr. Antonio Ferreira.*



## AGRADECIMENTO

Entrei contente pela porta estreita  
De teu amado e claro coração...  
Movi de alguns a inveja, que se ageita  
Por me lançar em negra perdição.

É de muitos o amor teu peito engeita,  
Ouvindo, só, a minha confissão:  
Prende-me a tua escolha, que respeita  
Do meu verso a melhor composição.



Obrigado! e mil vezes obrigado  
Pela grandêza que commigo houveste,  
Quebrando o preconceito secular...

E fique dentro em mim o teu agrado,  
Por que as arestas destes versos crêste,  
No saudoso pungir de muito amar.

## A CHEGADA...

Já diviso o alto da montanha agreste  
Que veio do Codó ao Corcovado...  
Muito trabalho fiz, que o brilho atteste  
De quanto eu hei soffrido, eu hei penado.

Attinjo; e, nesta região celeste,  
Encontro já na gloria alcandorado  
Dos bons alumnos um escol, que veste  
Bem dita luz do meu apostolado.

Aurea corôa lhes circunda a fronte;  
Chego, e sou recebido na campanha  
Do silencio molesto e sem razão.

Mas eu não fico triste, e, que se conte,  
Mê illumino da luz brilhante e estranha  
Que só dimana intensa do carvão.



## CONSOLAÇÃO...

Nem toda a agua que desce da montanha  
Váe ter de certo ao mar serenamente;  
Aqui,—corre direito, alli,—serpente,  
Collêa pelo prado, e réga, e banha

A grama, o arbusto, e todo o ser virente;  
Aqui,—no chão amigo se emmaranha,  
E, numa piedade doce e estranha,  
A vida sopra alegre na semente.

Alli,—encontra um arêal adusto,  
Que, por matal-a, a queima, sem amôr:  
E ella, então, no ar, procura nova vida.

Assim irão os versos meus:—que o justo  
Lhes sinta piedosa a justa dôr;  
E o mau os torne em nuvem recolhida.

# INDICE



# INDICE

OBSERVAÇÃO—Ha alguns erros de estampa que o leitor facilmente corrige: assim nas paginas—45, 178 onde se deve ler—“tremedal”—“Da aurora do seu noivar”—etc.

Aristides.....	1
Na primavera o canto é ledô.....	8
Na Classe.....	10
San'Bernardo.....	12
A Mulher.....	14
Oswaldo Cruz.....	16
Africa Portentosa.....	18
A Escrava Barbara.....	20
Anchieta.....	22
José do Patrocinio.....	24
Antar.....	26

## O Negro

I Bem longo o teu soffrer.....	28
II E' no tempo de El-Rei.....	30
O Credo Novo.....	32

## Retratos

I O louro alegre.....	34
II E' um cofre.....	36
III Entra nesse momento.....	38
Administrador.....	40

**Lingua maldizente**

I Os que nada produzem.....	42
II Esse rapaz.....	44
III Esse velho.....	46
Conselhos.....	48
Mãe?!.....	50
O Bebedo.....	52
Preguiçoso.....	54
Feia!.....	56
Triste.....	58
Sempre.....	60
Não!.....	62
Num cartão Postal.....	64
Constante.....	66
Desejos.....	68
Soneto com Estrambote.....	70

**CANCIONEIRO DE INAH****Sonetos**

I Para galgar a estrada.....	76
II O nosso amor.....	78
III Pela Estrada.....	80
IV Eu não sei.....	82
V Sou teu, e tú és minha.....	84
VI A dôr de viver só.....	86
VII O tempo róe tenaz.....	88
VIII Nesta casa nasceu.....	90
IX Só sem um gesto lindo.....	92
X E dia a dia.....	94
XI Como eu hei de occultar.....	96
XII Prende-sa a minha vida.....	98
XIII Do meu ultimo, e meu mais doce amor	100
XIV O céo me concedeu summa ventura.	102
XV Tu não és como às outras.....	104
XVI Outros vão por enganos e artificios..	106
XVII Na primavera deste amor.....	108
XVIII Neste rodar da vida.....	110



XIX	Desce e desce.....	112
XX	O prazer é a dôr.....	114
XXI	E corre o tempo triste.....	116
XXII	De carinho e de amor.....	118
XXIII	E' muito bom.....	120
XXIV	Tenho de amor a sêde.....	122
XXV	Dos teus olhos a musica.....	124
XXVI	Dormes tranquilla e calma.....	126
XXVII	E tu disseste.....	128
XXVIII	Váe este trem.....	130
XXIX	Váe-se da minha vida.....	132
XXX	Na tarde em que partiste.....	134
XXXI	A esses, que contra mim....	136
XXXII	Nas obras, natureza.....	138
XXXIII	De esperar, tanto e tanto.....	140
XXXIV	Ando peregrinando.....	142
XXXV	Não se movem as folhas.....	144
XXXVI	Dôr que estrangula.....	146
XXXVII	Mais cruel não podia ser.....	148
XXXVIII	Pouco me resta de viver.....	150
XXXIX	Por longes vou chorando.....	152
XL	Tu jámais ouvirás.....	154
XLI	Traz o menino.....	156
XLII	E nesse tempo então.....	158
XLIII	Para applacar a dôr.....	160
XLIV	E faze forte o teu peito.....	162

### Madrigaes

I	Mansa e inquieta abelha.....	166
II	Grande é o teu amor.....	168

### Balladas

Odette.....	172
Dona Flor.....	175
Maria.....	179

### No Codó

Na Fonte.....	184
Na Roça.....	189



**Canções**

Fugiste.....	196
Chorando.....	201
Pedido.....	204
Assim é.....	208
Emfim.....	212
Não vêr-te.....	214
Põe sempre na mente.....	215
Queixumes.....	216
Simples.....	219
Pelo Telephone.....	221

**Rondós**

Gira-sol.....	226
---------------	-----

**Elegia**

Elegia...	234
-----------	-----

**Villancetes**

I Jasmim do seu coração.....	240
II De pequeno, eu puz no peito.....	242
III A tua partida punge.....	244
IV Da tua candura em frente.....	246
V Que mêdo tú tens de tudo.....	248
VI Nem no dia de finados.....	250
VII Como a sombra segue o corpo.....	252
VIII E como um favo de mel.....	254
IX Foges tu do meu carinho.....	256
Dr. Antonio Ferreira.....	259
Agradecimento.....	260
A chegada.....	262
Consolação.....	264

FUNG - MA.  
Biblioteca Pública  
"Benedito Leite"